

## **Jenipapo: espaço-laboratorial para a reflexão e prática da grande reportagem<sup>1</sup>**

Mariana de Ávila Palhares<sup>2</sup>  
Karina Gomes Barbosa<sup>3</sup>  
Universidade Católica de Brasília, UCB

### **RESUMO**

Produzida durante a disciplina Produção e Edição de Revistas, **Jenipapo** é a revista-laboratório e produto final da disciplina. A proposta é trabalhar com a ideia de grande reportagem, apuração e pesquisa detalhadas, abrangência de fontes e experimentação de linguagem e estilo. Enquanto apuram e produzem a reportagem, os estudantes e professores (texto, design e fotografia) se engajam, durante o semestre, em discussões teóricas sobre jornalismo e construção narrativa do texto.

**Palavras-chave:** grande reportagem; jornalismo; jornalismo de revista; revista-laboratório; revista-laboratório;

### **1 INTRODUÇÃO**

Jenipapo (genipa americana) é uma fruta presente da Guiana a São Paulo, do México às Antilhas. Forte, de gosto marcante (alguns dizem “amargo”), é frutinha arredondada e amarela. Quando se abre, a surpresa: as sementes cinza-escuras. Antes de maduros, ainda mais surpresa: a casca e a fruta contêm corante violeta ou azul escuro. Quando encontra o ar, vira preta. Jenipapo já foi pintura de índio, já foi tinta de quadro, tingiu palha e tecido. Virou revista.

**Jenipapo** é uma revista que se pretende um espaço de exercício de apurações mais consistentes, que indiquem fissuras de ação do poder público ou de instituições e empresas, bem como histórias de gente – todo tipo de gente. Mas, ao mesmo tempo, que traga um tipo de investigação suficiente para extrapolar a denúncia: que aponte caminhos para resolver a questão. Isso pode se dar tanto com o uso convincente de um leque de especialistas quanto na pesquisa de outras cidades, estados, regiões e países que se defrontaram com a mesma questão e souberam equacionar o problema de forma criativa e/ou consistente.

Nesse sentido, a **Jenipapo** se pauta pelo conceito de grande reportagem, com apuração diferenciada, pesquisa abrangente e grande coleta de fontes. Ao mesmo tempo, a

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, n categoria Jornalismo, modalidade revista laboratório impressa.

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e recém-graduada em Comunicação Social, email: [mariana.avilapalhares@gmail.com](mailto:mariana.avilapalhares@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social, email: [karina.barbosa@gmail.com](mailto:karina.barbosa@gmail.com)

revista deve inspirar a experimentação de linguagem e estilo – do *lead* ao nariz de cera, ao jornalismo literário, ao novo jornalismo, ao novo novo jornalismo, ao jornalismo visual.

As pautas têm tanto viés local, com olhar voltado para DF e Entorno, quanto nacional, numa perspectiva de capacitar os alunos a entender os diferentes Brasis de nosso território. Completando esse mosaico de “regiões” e “entornos”, os jornalistas são incentivados a buscarem pautas que interliguem e costurem tais entornos – DF, Brasil – à realidade mais ampla da América Latina.

Produzida em um espaço pautado por amplas discussões sobre as temporalidades diversas do jornalismo (jornal, revista, web) e os impactos de tais temporalidades na construção da narrativa jornalística, na compreensão do que é acontecimento e fato, a revista não pode se construir esgotando o conteúdo na plataforma impressa. A intenção, portanto, é que a Jenipapo tenha interface concreta e constante na internet: galerias de imagens, vídeos, continuação de relatos, áudios, infografias animadas.

Além disso, a revista abriga o conceito de um blog que discuta constante os processos de produção – o making of. A atividade dos repórteres será registrada e compartilhada não apenas no blog, mas também nas redes sociais, como forma de: a) ampliar a possibilidade de que fontes diferenciadas vejam o trabalho e contribuam para dar consistência a ele (o jornalismo colaborativo, feito com parcerias, também chamado de crowdsourcing); e b) o processo produtivo seja sempre escrutinado publicamente, e cada decisão ética e editorial seja debatida em um fórum plural e credenciado.

## 1.1 JORNALISMO DE REVISTA

As primeiras revistas surgiram no século XVII e traziam textos de caráter acadêmico e científico. Era época do Iluminismo e muitas instituições científicas viram na revista uma maneira de divulgação de ideias, trabalhos e pesquisas. Embora fossem chamadas de revista, as publicações não tinham as características que a revista possui hoje. A alemã *Erbauliche Monats-Unterredunge*, de 1663, considerada a primeira revista, é um exemplo. “Tinha cara de livro e só é considerada revista porque trazia vários artigos sobre um mesmo assunto – teologia – e era voltada para um público específico” (SCALZO, 2011, p. 19). Foi com tempo que as publicações foram ganhando, aos poucos, características jornalísticas.

Enquanto os jornais nascem com a marca explícita da política, do engajamento claramente definido, as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na

segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as “notícias quentes”) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática). (SCALZO, 2009, p. 14).

Assim como Scalzo (2011, p.19) citou, a primeira revista só é considerada revista porque trazia artigos sobre um mesmo assunto e tinha um público específico. No jornalismo, isso é o que chamamos de especialização e segmentação. Embora a definição para esses dois conceitos seja próxima, é possível delinear aspectos que a diferencie. Resumidamente, podemos dizer que especialização está mais relacionada com o assunto abordado (exemplos: revistas especializadas em carros, tecnologia e moda). Já segmentação tem mais a ver com características do público da publicação. Para fazer a classificação dos leitores, existem três critérios principais: gênero, idade e classe socioeconômica. Scalzo (2011) indica também outros tópicos que auxiliam nessa definição: a geografia (cidade ou região) e o tema. Com isso podemos perceber que a especialização também pode, eventualmente, ser um critério de segmentação. Por meio de estudos e pesquisas com base nessas características, é possível traçar um panorama do público leitor da revista. Os resultados são comumente usados pelos anunciantes, para saber onde devem anunciar determinado produto.

Ali (2009) explica que, para uma revista se manter no mercado, é importante que o projeto editorial esteja bem consolidado. Para ela, existem três elementos que compõem o projeto editorial: missão, título e fórmula. A missão “define o objetivo da revista, seu público leitor, o tipo, e a forma do conteúdo que vai concretizar sua razão de ser”. (ALI, 2009, p. 47). O título é o nome da revista e maneira como ela será chamada e lembrada. Por fim, a fórmula da revista é composta por vários elementos: conteúdo, design, fotografia, ilustrações e infográficos. “A fórmula editorial é a ‘receita’, ou seja, a mistura dos ingredientes, a maneira como a revista monta o seu edifício e estrutura o conteúdo na implementação da missão.” (ALI, 2009, p.56).

## **1.2 GRANDE REPORTAGEM, JORNALISMO LITERÁRIO E GONZO**

É comum ver a mistura dos conceitos de grande reportagem e jornalismo literário; porém é importante traçar uma diferenciação. Grande reportagem é um texto maior, detalhado e apurado; jornalismo literário é feito usando técnicas da ficção, do romance.

Portanto, uma grande reportagem nem sempre estará escrita com recursos da ficção literária, assim como é possível escrever uma simples notícia utilizando técnicas do jornalismo literário. Gustavo de Castro resume:

O que chamamos de Jornalismo Literário é a conjugação de conhecimentos, saberes, savoir-faire, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas. Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso. (CASTRO, 2010, p.5)

Quando se fala em jornalismo literário, é importante destacar o que ficou sendo chamado de Novo Jornalismo. Durante a década de 1960, um grupo de jornalistas, nos Estados Unidos, chamou a atenção por fazer um jornalismo diferente. Essa nova forma de escrever consistia em redigir as matérias jornalísticas utilizando técnicas da literatura. Tom Wolfe conta em seu livro *Radical Chique e o Novo Jornalismo* que essa vontade de escrever de maneira romaneada começou devido à insatisfação de alguns jornalistas com as “regras” do texto jornalístico (o *lead*, por exemplo, que deveria responder sempre às seis questões: o quê? Quando? Onde? Como? Quando? E por quê?). Não se sabe ao certo a origem do termo *Novo Jornalismo*.

[...] “Novo Jornalismo” foi a expressão que acabou pegando. Não era nenhum “movimento”. Não havia manifestos, clubes, salões, nenhuma panelinha; nem mesmo um bar onde se reunissem fieis, visto que não era nenhuma fé, nenhum credo. Na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade. (WOLFE, 2005, p. 40)

Há ainda dentro do jornalismo literário o jornalismo gonzo, que alguns autores classificam como categoria de um representante só. O termo foi cunhado pelo repórter Bill Cardoso em um artigo para se referir a Thompson. “Segundo Cardoso, ‘gonzo’ seria uma gíria irlandesa do sul de Boston para designar o último homem de pé após uma maratona de bebedeira.” (WENNER, LEVY, 2008, p. 379).

Em 28 de novembro de 1996, o repórter P.J. O’Rourke entrevistou Hunter Thompson para a revista *Rolling Stone*. Perguntado sobre o que era jornalismo gonzo, o próprio Thompson não conseguiu definir com precisão.

Eu nunca quis que o jornalismo gonzo fosse nada mais do que uma diferenciação do novo jornalismo. Eu meio que sabia que não era isso. Bill Cardoso – então trabalhando para o *Boston Globe* – escreveu uma nota sobre aquele negócio do Kentucky Derby (“O Kentucky Derby é decadente e depravado”, *Scanlan’s Monthly*, junho de 1970) dizendo: “Que diabos. Chute o traseiro. Era puro gonzo”. E eu o ouvi dizer aquilo umas duas ou três vezes em New Hampshire. É uma palavra em português (na verdade é italiana), e se traduz quase como exatamente o Hell’s Angels teria dito como “fora da parede”. Ei, está no dicionário agora. (WENNER, LEVY, 2008, p 379).

Sarcasmo, exageros e envolvimento do autor no texto são características que se destacam no jornalismo gonzo.

## 2 OBJETIVO

A revista **Jenipapo** é resultado do trabalho realizado durante um semestre pelos estudantes da disciplina Produção e Edição de Revistas. Entres os objetivos, previsto no documento do projeto editorial da revista, destacam-se:

- Engendrar uma teia invisível de uma comunidade ampla, que una por meio da narrativa jornalística línguas distantes, latitudes distintas e cidadãos que não se conhecem, mas podem se identificar por meio de problemas comuns, identidades que se tocam;
- Ser um veículo voltado às comunidades que ficam à margem do protagonismo jornalístico do DF, tomando-as por parâmetro tanto como pauta e como público-alvo;
- Promover com os alunos o exercício da grande reportagem e da análise crítica;
- Especializar os alunos na cobertura investigativa de grande repercussão;
- Exercitar o jornalismo reflexivo e de busca de soluções;
- Resgatar o jornalismo como exercício da crítica cultural e política e como esfera pública de debates;
- Preparar os estudantes para o jornalismo narrativo, para o jornalismo de revista e para a grande reportagem.

## 3 JUSTIFICATIVA

A **Jenipapo**, revista-laboratório com foco em grande reportagem, contribui para o estudo e a prática de técnicas avançadas de apuração, edição e publicação jornalísticas. Durante o processo de realização da reportagem, os estudantes precisam lidar com a organização de grandes quantidades de informação e apurações extensas. É por meio das

reflexões propostas durante as aulas que os estudantes tentam achar um caminho para a produção do texto.

As discussões teóricas que acontecem durante a aula contribuem para que os alunos reflitam métodos de apuração e construção narrativa do texto. As leituras de outras reportagens também auxiliam os repórteres, pois dão a eles um repertório e uma base de referência.

## **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Por acreditar que prática e teoria precisam caminhar juntas, todo o processo de produção da **Jenipapo** é feito aliando esses dois eixos.

As aulas são preparadas de forma que o conteúdo estudado anteceda as etapas de produção da reportagem. Uma semana antes da reunião de pauta, por exemplo, uma aula inteira é dedicada para conceituação, preparação e desenvolvimento de uma pauta. Outro exemplo são as aulas destinadas aos métodos de apuração. Por estarmos trabalhando com grande reportagem, essa etapa é longa, por isso mais de uma aula é preparada para esse tema. Nesses momentos, os assuntos discutidos em sala passam pela marcação das entrevistas, coleta de dados, diálogo com os fotógrafos, leituras necessárias e busca de informações que estejam incompletas. Há também as aulas para pensar sobre a redação, onde se discute sobre foco narrativo e estilo, por exemplo. Muitas aulas são dedicadas à discussão sobre cada uma das reportagens da edição, em que angulação, abordagem, fontes, personagens, são exaustivamente discutidos. Nessas aulas, professores e repórteres pensam juntos soluções para dilemas da produção.

### **4.1 APURAÇÃO, REDAÇÃO E EDIÇÃO**

Após a reunião de pauta, os repórteres fazem um planejamento da apuração. Nesse começo, os repórteres procuram material de leitura, realizam entrevistas, buscam dados e pesquisam. Na primeira edição da **Jenipapo**, alguns repórteres viajaram para apurar. À medida que reúnem este material, já começam a escrever e pensar na redação do texto. Por ser uma grande reportagem, há muita informação para se trabalhar. Um dos desafios de escrever é aproveitar todo material e evitar que as informações se misturem e/ou se percam no meio do texto. A edição e a redação ocorrem alternadamente. Após mandar versões preliminares da reportagem, a professora da disciplina, que também exerce papel de

editora-chefe da revista, começa a edição. A cada edição, os repórteres fazem as adaptações necessárias e continuam apurando, quando necessário.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A revista **Jenipapo** é o resultado do produto final produzido pelos estudantes da disciplina Produção e Edição de Revistas. O nome foi dado pelos alunos matriculados na primeira turma, no primeiro semestre de 2012. A reunião de pauta acontece na terceira aula<sup>4</sup> do semestre. Ao longo do semestre, no início das aulas seguintes, cada estudante tem um momento de fala para comentar como está desenvolvendo a pauta. Professora e estudantes ajudam e discutem a pauta dos colegas.

Ao longo do semestre, concomitante à execução das pautas, discussões teóricas também são realizadas durante as aulas. Muitas dessas discussões partem de textos, livros e/ou reportagens para a realidade da pauta. A partir dessas leituras, é possível ter referências de narrativa e apuração. Grande parte da bibliografia utilizada faz parte da Coleção Jornalismo Literário, da Companhia das Letras.

### 5.1 PAUTAS

Na primeira edição da **Jenipapo**, a repórter Quelma Trindade foi atrás da história da Vila Amaury, uma parte de Brasília que foi desocupada para dar espaço ao Lago Paranoá; Guilherme Assis visitou cinemas de Brasília e Aracajú para contar histórias, relatos e lembranças de quem viveu em salas de cinema – às vezes, as próprias salas de cinema acabam se tornando personagens da matéria.

A repórter Marília Lafeté contou a história de amor que começou com troca de cartas e, anos depois, rendeu bodas de ouro ao casal; Ludmila Rodrigues foi atrás de Nélio José Nicolai, criador do Bina<sup>5</sup>, para saber não apenas sobre a invenção, mas da história do homem por trás da invenção. Após a primeira entrevista com o personagem, a repórter precisou lidar com o sumiço do criador do Bina. Nélio José Nicolai não atendia mais os telefones nem respondia e-mails. A fotografia, que não chegou a ser clicada devido ao sumiço da fonte, foi substituída por uma ilustração.

O repórter Patrick Saint Martin viajou para Bogotá e Curitiba para escrever sobre transporte público. A apuração rendeu um relato, em forma de reportagem, comparando os

---

<sup>4</sup> A primeira aula é usada para apresentação do Plano de Ensino; a segunda é destinada a conceitos e dicas para elaborar uma pauta consistente; na terceira aula, por fim, acontece a reunião de pauta.

<sup>5</sup> Poucos meses depois da publicação da reportagem, Nélio teve a patente do Bina reconhecida judicialmente.

sistemas entre as duas cidades e Brasília; Carolina Alves apurou a polêmica que o simples uso de público gerou nos debates sobre gênero e sexualidade. Um dos estopins para a intensificação dessa discussão foi quando o cartunista Laerte foi advertido por usar o banheiro feminino numa pizzaria de São Paulo.

Após uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) revelar que o brasileiro lê apenas quatro obras durante o ano, as repórteres Luísa Dantas e Laniér Rosa resolveram se aprofundar no assunto para tentar entender por que isso acontece. O ensaio fotográfico da edição ficou sob a responsabilidade de Thamyres Ferreira, que registrou a primeira estação ferroviária de Brasília, a Bernardo Sayão. Além dessas pautas, o pesquisador Ciro I. Marcondes contribuiu para a edição escrevendo um texto sobre quadrinhos.

Em uma das pautas da segunda edição, a repórter resolveu viajar no tempo pra ver o que acontecia no Brasil 100 anos antes do previsto fim do mundo em 2012. A repórter Alessandra Modzeleski, por meio de uma densa apuração histórica, teve a oportunidade de reviver momentos daquele ano, em que Jorge Amado, Nelson Rodrigues, Lúcio Cardoso e Luiz Gonzaga nasceram. Ela tentou entrelaçar essas e outras histórias de 1912. Um dos desafios pra essa reportagem foi encontrar fotografias. Conseguimos contato com um ilustrador que aceitou fazer um trabalho de ilustração sem cobrar nada.

Aproveitando o gancho da alta vendagem do livro *Cinquenta Tons de Cinza*, fomos pesquisar para tentar entender se esse e outros números positivos significam avanços no empoderamento da mulher. A apuração envolveu leitura de livros, pesquisa de filmes, entrevistas e visitas à feiras eróticas e sex shop. O resultado? Uma discussão sobre exercícios menos convencionais e hegemônicos da sexualidade, permeada por uma discussão sobre as relações entre sexo e feminismo.

As redes sociais e o hábito de assistir a novelas motivaram a repórter Gabrielle Santelli a apurar por que muitas pessoas preferem assistir televisão e comentar, em tempo real, o que estão assistindo nas redes sociais.

Na segunda edição, também fomos atrás de histórias de pessoas que, para sobreviver, precisaram realizar transplante de medula óssea. A repórter Marcela Luiza buscou as histórias dos personagens e pesquisou como funcionam os bancos de doadores. Dois outros repórteres, Augusto Soares e Luma Soares, se juntaram para tentar entender o que os dois grandes eventos esportivos, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, podem trazer para o Brasil no campo na inovação tecnológica.

Além dessas pautas, na segunda edição da **Jenipapo**, estudantes que participaram da cobertura jornalística<sup>6</sup> do Projeto Rondon ganharam espaço para registrar essa experiência. Everton Lagares voltou de Miranorte, cidade de pouco mais de 12 mil habitantes<sup>7</sup> localizada no interior de Tocantins, com a história de Maria Inalva, portadora do parasita da Hanseníase. O repórter descobriu que quase tão doloroso quanto o mal de Hansen é o preconceito enfrentado por quem tem a doença. Michelle Brito contou em forma de crônica a surpresa que foi receber a notícia de que participaria da cobertura do Projeto Rondon. O terceiro espaço destinado ao Rondon foi para o ensaio fotográfico.

A diversidade de pautas mostra o “além das fronteiras” que a **Jenipapo** pretende alcançar. A ideia é buscar histórias além do Distrito Federal e do Brasil; histórias que mereçam ser contadas, registradas e compartilhadas.

## 5.2 PÚBLICO-ALVO

Assim como as pautas, o público-alvo da **Jenipapo** também é construído em torno da idéia de fronteiras. Contudo, podemos definir três públicos: o acadêmico, com foco na área de ciências humanas e, principalmente, os curso de jornalismo do Brasil; redações do Distrito Federal e do país e os órgãos públicos que tenham algum posicionamento acerca da revista.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Após a publicação de duas edições, percebemos alguns pontos em que podemos melhorar. O fechamento, por exemplo, pode ser repensado para que, futuramente, os alunos se envolvam mais no processo de diagramação, realizado, nas duas edições, pela professora diretora de arte. Outro ponto que podemos aprimorar é a distribuição das revistas. Por falta de uma estratégia bem definida de divulgação e distribuição e de orçamento disponível, muitos exemplares ficaram “presos” no laboratório e a circulação aconteceu apenas entre estudantes do curso da própria instituição e em eventos acadêmicos ocorridos no Distrito Federal.

---

<sup>6</sup> Em 2012, o curso de Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília e o Ministério da Defesa estabeleceram uma parceria em que estudantes do curso realizam a cobertura jornalística (texto, foto, rádio e vídeo) de operações do Projeto Rondon. Ao todo, alunos do curso, orientados por professores, já realizaram a cobertura de sete operações. A parceria rendeu prêmios, artigos e participações em congressos.

<sup>7</sup> Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=171330>, acesso em 31 de março de 2014.

Atualmente, nosso principal desafio é a continuidade. A revista **Jenipapo** é produzida no âmbito da disciplina optativa Produção e Edição de Revistas. Por não ser uma matéria obrigatória na grade curricular, pode acontecer de, por falta de determinado número de alunos, não abrir turma no semestre.

Embora a existência de alguns erros, como é comum em um espaço laboratorial, também observamos nossos acertos. O projeto gráfico, definido durante a primeira edição da **Jenipapo**, é um deles. Na segunda edição, demos continuidade ao mesmo projeto, porém fizemos adaptações. A paleta de cores da revista, por exemplo, é definida de acordo com as cores da foto escolhida para estampar a capa e com o perfil da pauta. Fazendo isso, conseguimos manter o mesmo projeto gráfico e, ao mesmo tempo, dar uma identidade própria e característica para cada edição da revista.

Na segunda edição, trouxemos para a **Jenipapo** material produzido por estudantes do curso de Comunicação Social durante a cobertura jornalística de operações do Projeto Rondon. Embora os alunos não estivessem matriculados na disciplina, abrimos espaço pra parte do material produzido por eles.

O engajamento dos estudantes que fizeram parte da equipe das duas edições da revista também foi notado, o que demonstra a importância de ter uma disciplina calcada nos preceitos da grande reportagem. Sabe-se que esse tipo de jornalismo é mais custoso e leva mais tempo para produção, por isso é raro encontrar oportunidades no mercado de trabalho para essa prática; a presença de uma revista-laboratório com esse foco possibilita estudantes experimentar o jornalismo que precisa de tempo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Fatima. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Nacional, 2009

CASTRO, de Gustavo. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011

WENNER, Jann S.; LEVY, Joe (Ed.). **As melhores entrevistas da Rolling Stone**. São Paulo: Larousse, 2008.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.